

**Yuri Martins-Fontes. *Cantos dos infernos.*
São Paulo: Editora Patuá, 2021**



SELECCIÓN DE POEMAS

Sara Beatriz Guardia. Directora de la Cátedra Mariátegui

Sinopsis

Cantos dos Infernos es un sarao antológico que reúne dos décadas de poemas germinados. Dividido en dos partes, proximidad y distancia, el libro recorre la poesía y las épocas, o las “estaciones de la gente”, como dice el poeta. Atraviesa el amor y la guerra, la política y lo satírico, la existencia y lo mundano, pasea por el haiku, la trova y el soneto, la forma y la des-forma, la tradición y el *arcaico moderno*. El autor, escritor dedicado a la poesía interpretada, es filósofo de formación, profesor y periodista.

Sobre el autor

Yuri Martins-Fontes nació en San Pablo, en medio de la dictadura militar. Graduado en Filosofía y doctor en Historia por la Universidad de San Pablo, recorrió los rincones del diverso Brasil, y vivió años trabajando en los cuatro cantos del mundo (América, Europa, África y Asia). Escritor, filósofo, profesor y periodista (fotógrafo y jardinero), además de literatura, es autor de libros sobre cultura e historia latinoamericanas, pensamiento crítico y movimientos sociales, y traductor de obras literarias y teóricas. En revistas y antologías ha publicado poesía, cuentos, dramas, ensayos y crónicas, con obras traducidas al español, francés e inglés. Coordinador del *Núcleo Práxis* de la USP y miembro del *Coletivo Banzo-fotografia de rua*, desde los 1990 desarrolla proyectos de educación popular, democratización cultural y colabora con la prensa independiente. Edita la página *Travessias*, en la que publica sus escritos teóricos, literarios y fotografía.

Presentación

En la barca de los antisueños

Dijo en cierta ocasión Manuel Bandeira que hay poetas que hacen de la poesía el arte de la inversión. Alguien más también dijo que la poesía como contenido tiene dos métodos posibles: conocer el mundo a través del sueño; o conocer el sueño a través del mundo.

Yuri, sin duda, pertenece a esta última metodología. Sigue las pistas que le da lo real, para situar, con versos cortos, en los que es un experto, el estado sonámbulo del alma. En cuanto a la observación de Bandeira, sin duda diría de Yuri que, tras el cuidadoso desahogo de sus versos, se esconde el lugar efectivo –el mundo– en el que quiere realizar sus sueños más ocultos.

Tenemos así a un poeta que, como buen poeta, sabe disimular lo que hace. Se abraza a la realidad que impide la realización de sus sueños: “Quero o corpo suado/ Na manhã de minha cama/ Quero o dia que esquece/ Quero a noite que ama” [*Quiero el cuerpo sudoroso/ En la mañana de mi cama/ Quiero el día que olvida/ Quiero la noche que ama*].

Querer por tanto lo que tiene, permite al poeta bastarse a sí mismo y disimular que no quiere más que lo que (niega que) tiene. En cierto modo, un retorno –actualizado en su forma– al hermetismo camoniano: en la vuelta a los antiguos poetas de su época, los personajes no actúan por *motu proprio*, sino por interferencia de dioses o semidioses, como en la *Ilíada* o la *Odisea*; Camões desarrolló en ello una técnica propia. Desemocionalización de los actos narrados en poesía.

Así el *doble sujeto* de estos *Cantos dos Infernos*: uno que narra lo que elige; el otro, detrás, que se esconde y discrepa, sin darse por escrito. Esta duplicidad – quizá el *Yo dividido*– hace que algunos de sus versos se presten a interpretaciones diversas.

Somos nosotros, todos los demás, los que admiramos esta búsqueda, esta falsa evasión hacia el pasado, tanto en lo ordinario de la vida como en su inspiración.

Leer a Yuri es pues desembarcar en su barca de antisueños. Que así sea, hagámoslo, en la angustia y en el momento ligero de estos poemas alternantes que nos brinda esta lectura.

Wilson do Nascimento Barbosa - Poeta, historiador y profesor de la Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Es autor de la narrativa *A surda* (Com-Arte, 2013), y de obras teóricas como *Cultura negra e dominação* (Unisinos, 2002), y *Atrás do muro da noite: dinâmica das culturas afro-brasileiras* (Ministério da Cultura-Brasil/Fundação Palmares, 1994), entre otros libros.

Traducción: Yodenis Guirola [profesor, editor e investigador cubano, miembro del Núcleo Práxis de la Universidad de São Paulo]

Epígrafe

Sarao Antológico

*Estos los cantos-hablados de diversas siembras y pieles;
una cosecha de caminos a través de los infiernos que queman con hierro
las páginas de las estaciones de la gente;
retratos de un par de décadas del nuevo tiempo moderno –
que no muere ni se cansa de ser viejo.*

Y. M.-F.

Poemas del Livro I

HADES



Foto: Yuri Martins-Fontes

Silêncio da Roça

O silêncio da roça não é sepulcral
Dogmático, positivista
Nada de absoluto.

É um silêncio brando
Amante e artista
Um silêncio que se escuta
Vívido, pulsante.

Um calar estrelado
O rio – o coaxar abafado
Besouros batucando a janela.

Um silêncio existente
Pleno em dizeres e à toa
Mas de uma fala que não fere
Ruído que não atordoia.

Língua em riste

Peço perdão aos senhores gramáticos
E ao filológico saber de antanho
Sempre em riste e triste
– algo apático

Mas pra além do edital regra-rebanho
Chamar de *poesia* ao poema
É poesia – poeta
– não tema.

Pátria Pária

“É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”.

Carlos Drummond

Época déspota
ética pálida
facas e pedras
sob cães de guarda.

À tragédia épica
o êxtase dos cálices
e hélices e balas
– síncope do cale-se.

Cidades-fracasso
– almas atadas
sínteses torpes
d’um íntimo nada.

Dormem consciências
gestos – a história.
Vai poeta tenta
devoto do agora:

Escarra na cara
desta pátria pária.
Tua flor prenha asfaltos
teu ódio: – não cala!

Versos modernos

*“Não é sempre o mesmo vento
que permite ao barco seus transportes”*

Ovídio

No labirinto da poética
a rima é lastro pujante
– mas que não seja etérea
(de puro pecca o inocente).

Vês minotauro poeta
noutro ritmo baila a métrica
corpo colado ao conteúdo
bela, infiel – inquieta.

Trabalho não acaba logo

a meu Ivan

Meu filho pequeno inda animado
findo o desenho animado quer ainda
a fábula a moral e cisma
e desliza a mente acesa:

- Papai, me conta out'a histó'ia
uma de bicho... da sua cabeça!
- Mas agora não era dormir?
sim, teu pai tem trabalho.

O olhar miúdo revoa o instante
sentido, difuso, valente...

logo recobra o sorriso
e mãozinhas filosofantes

- na aura da era mais terna
borboleteiam aos céus em amparo
– aos pais, às mães desse mundo!

constatando austeras e puras
toda a humana miséria
(e que não é sua somente):

- Os desenhos acabam logo
as histó'ias acabam logo
só o trabal'o não acaba logo
não é, Papai?

Poemas del libro II
AGONIAS



Foto: Yuri Martins-Fontes

Mensagem

ao poeta comandante Ho Chi Minh

Que venham

– o tempo é nosso!

Nossas montanhas nunca deixarão de resistir.

Nossos rios não deixarão de correr jamais

conscientes

e íntimos

as entranhas

das terras de nossa terra.

Nossa gente não deixará de existir.

A ambição é volúvel.

Paciência é povo

é raiz

é tempo.

E o tempo não é cético

– o tempo é nosso.

Ode à utopia em flor

Não há artista que não saiba
Da história que há detrás
Da política que o vive
Da realidade em que jaz

Nem é douto quem não sente
As entrelinhas de embate
O aroma, a artimanha
Cujo encanto se diz arte

Arte pura –
Arte pela arte?
Não é apenas lixo
– É ideologia!

Filosofia do espírito
Jornalismo neutro
Hobby
Ciência fria?

Não são falácias somente
São veneno – epidemia!
Necrosam as pequenas almas
Alastram como mal de pele

Ainda que rasas esvaneçam
No palco severo dos dias...
– Aí, a brecha – a fissura!
Por onde flore a utopia.

Baile da vida

A dança trepa os amantes
alienam-se corpos culturas
fundem-se pernas instantes
sua cadente a luxúria

Alivia-se a existência
goza a vida pisada
– que qual cama range em fúria
redimindo a terra amarga.

Soneto do abismo

És sempre tão nua
tão tua – masmorra
sem culpas nem portas.

No abismo você
eu me aposto seco
– inda baixo a guarda.

Teu sangue que é frio
me corre incendiário.
Minha sede teu cio
– mais não espero nada.

No encontro de tuas coxas
um outro mundo arde
derrota e me faz pouco
– mi'a pouca liberdade.

Escreve

I

Vai, toma a pena e escreve!
que o dia está cinza
e o véu da desesperança já ronda os lares.

Escreve,
se não podes fazer a hora
constrói ao menos o sonho
cogita ao menos a possibilidade do sonho
inscreve na história a matéria do sonho
com tinta de sangue que é a cor do sonho.

II

Escreve,
escreve com tesão
escreve com dor
escreve com amor
e por amor...
que ninguém precisa tanto de amor
quanto o homem cansado de guerra.

III

Não vem a ideia?
lê um pouco plagia
subverte recria:
– Poesia, poeta,
é de quem precisa dela.

Mas escreve também por ódio
que quase todo o escrevinhado
nunca foi de quem precisa.

IV

Vai, toma a pena e escreve
que o tempo é escasso
e há tanto a dizer.

Escreve com ritmo,
escreve com fé
e não esquece jamais a alegria
– destila no papel que te espera
a densidade da tua ironia.

V

Escreve,
e escreve mesmo naqueles dias
em que te parecer que tudo o que tinha
que ser escrito já foi escrito.

Então escreve de novo
reescreve o antigo
rearranja, peleja, insiste!
– e tenta desta vez ser lido.

VI

Mas escreve
não deixa de escrever
que o néscio torturador
tem também o coração vermelho.

E se um dia parecer que é tarde
e pesadelos anoitecem tua porta
brinda a poesia que à manhã renasce
brinda a palavra que qual solidão
não é vício
é necessidade.

Posfacio

Un cantero *noir*

Honroso privilegio abordar algunos aspectos de estos *Cantos dos Infernos* de Yuri Martins-Fontes, libro que reúne su obra poética de muchos años. Puede que al lector le resulte extraña, en un primer momento, su poesía, para luego apreciarla más profundamente. ¿Por qué? Pienso que es porque Yuri tiene una amplia conciencia de su creación, adquirida por medio de una sólida reflexión y estudios de humanidades y filosofía. Por eso transforma su arte, fíjense bien, en un contrastado lirismo: brutal y, al mismo tiempo, conmovedor.

Los símbolos, las metáforas y los gritos de angustia yo sentí estallar en su pecho. En los dolores, en las esperanzas de dolores menores, nos muestra en cada línea, en cada estrofa, su empatía con los desdichados. Sufrimientos.

En ciertos pasajes, algunos de sus poemas y poesía me llegaron como un cantero *noir*: plantas, colores, musicalidad, a recordar una flor. Algo así de *nouvelle vague* con sus claroscuros, con sus dificultades, angustias y esperanzas de la vida cotidiana.

El mandacaru solitario, pensemos en él. Elevado, sobresaliente. Espinoso. La miosótis, que nos recuerda el amor desesperado. ¿La rosa? Sí, tiene espinas. El autor, sin embargo, no oculta sus agujas, y demuestra su sensibilidad con poética adversativa. Pero él tiene flor. Y tiene perfume. La ortiga, en versos urticantes. Ardiente, picante, que nos hace picar por todo el cuerpo. Incómodo.

Pues estas plantas y flores, esta poesía y poemas, estas fotografías, las veo todas como un tremendo grito de protesta, de inconformismo ante el *statu quo*. Por un instante recordé los terribles “sótanos de la locura” del manicomio de Barbacena.

En algunas páginas se exponen imágenes impactantes: ¡ah, las imágenes! Relatando – el autor–, sin perder la ternura, la crudeza de escenas bien delineadas o que ya han sido despedazadas. Escenas reales, en ese espectáculo de marionetas que llamamos vida. Vidas secas.

Según Fernando Pessoa, el poeta es un fingidor. Así sea. Puede que sí. Y el proverbio ya habría creado fieles diletantes. Yuri, sin embargo, me parece fuera de esta estampa: desnudo de toda soberbia, con su historia de luchas, de ideales, con sus derrotas y victorias – más éstas que aquéllas.

Como sabemos, “la vida es combate, que a los débiles abate, que a los fuertes, los valientes, sólo puede exaltar”, dijo Gonçalves Dias. Así que aquí está Yuri, joven y fuerte, llevando la carga de su solidaridad humana, combatiendo el buen combate. “Imagine”, cantaba Lennon. “Yo tuve un sueño”, soñó Luther King.

Necesitamos valor: para decir no, o para decir sí, pero hacerlo con convicción. Para difundir más y más amor, más y más poesía. Sin ella, el mundo, como mínimo, pierde su gracia y se empobrece.

José Mauro da Costa - Poeta, escritor, editor y profesor; licenciado en Literatura por la PUC-MG, máster en Literatura Brasileña y coordinador del proyecto Livro de Graça na Praça. Autor, entre outras obras, de *Atrás da Porta* (Mazza, 2004), do cordel em braille *Do selo lambido ao ponto com* (Benjamim Constant, 2009), e da antologia crítica *Ouvindo Estrelas* (Mazza, 2005), adoptada pelo Ministério da Educação de Brasil.

Traducción: Yodenis Guirola



Dibujo del pequeño **Ivan Gondim Meyer Martins-Fontes**

Primavera de 2021